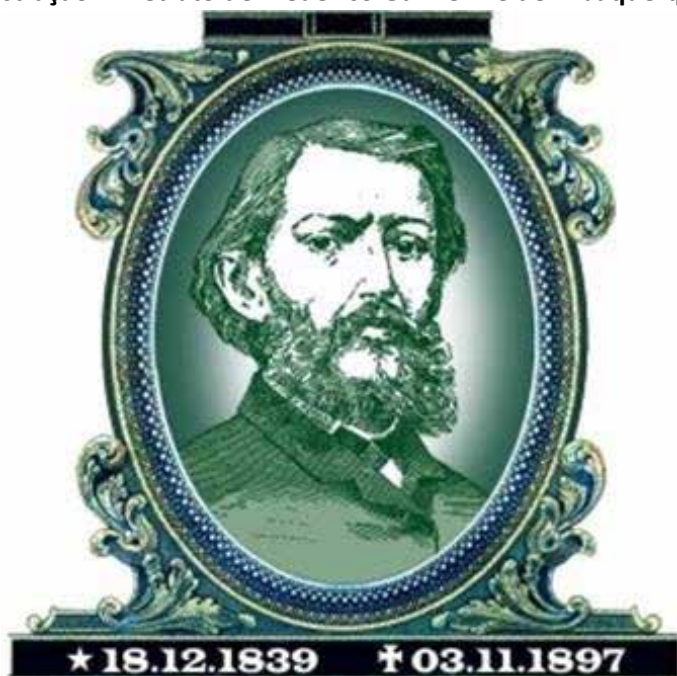


FREDERICO GUILHERME DE ALBUQUERQUE: 180 ANOS

FREDERICO GUILHERME DE ALBUQUERQUE: 180 YEARS

Luís Severiano Soares Rodrigues¹

Ilustração 1: Retrato de Frederico Guilherme de Albuquerque



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Frederico Guilherme de Albuquerque (ICFGA).

RESUMO

Esse artigo busca, divulgar a vida e a obra do botânico e naturalista gaúcho Frederico Guilherme de Albuquerque, nas suas contribuições para a ciência agrícola brasileira, nos processos de aclimação de espécies e divulgação científica, associado a sua faceta de empresário. Trazendo assim às gerações atuais a relevância de sua obra, bem como a importância da mesma. Para tanto, buscou-se coletar as referências atuais sobre a mesma, bem como referências da época do referido cientista, dando assim a real dimensão do seu trabalho, através de trabalhos seus

¹ Economista pela Universidade Federal Fluminense. Pós-graduado em História da Relações Internacionais pela UERJ. Sócio Correspondente do IHG de Niterói. Membro do Instituto de Pesquisa Histórica e Arqueológica do Rio de Janeiro.

na Revista de Horticultura, além de notícias em periódicos vários que oferecem uma significativa amostra da repercussão do seu trabalho que era conhecido em todo o território nacional e também no estrangeiro.

Palavras-chave: Botânica. Agronomia. Aclimação. Empreendedorismo.

ABSTRACT

This article seeks to disseminate the life and work of the botanist and naturalist from Rio Grande do Sul, Frederico Guilherme de Albuquerque, in his contributions to Brazilian agricultural science, in the processes of acclimatization of species and scientific dissemination, associated with his facet as a businessman. Thus bringing to the present generations the relevance of his work, as well as its importance. To this end, we sought to collect the current references about it, as well as references from the time of the scientist, thus giving the real dimension of his work, through his works in the Revista de Horticultura, in addition to news in several journals that offer a significant sample of the repercussion of his work that was known throughout the national territory and also abroad.

Keywords: Botany. Agronomy. Acclimatization. Entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por objetivo, a reconstituição da trajetória do botânico Frederico Guilherme de Albuquerque, hoje apenas lembrado pelo pioneirismo na introdução do eucalipto no Brasil. Para tanto usaremos o método dedutivo, através da análise das fontes primárias, principalmente daquilo que o cientista escreveu uma vez que seu trabalho de divulgador científico foi notável; tudo o que escreveram sobre ele, notadamente nas fontes jornalísticas. Dada a amplitude da sua carreira, abordaremos diversas nuances dela, tais como a de aclimatador de espécies, a de pesquisador do Museu Nacional, a de divulgador científico pelo seu trabalho na Revista de Horticultura, a de empresário do ramo botânico, sua atividade nas diversas sociedades científicas a que pertenceu. Por fim procuraremos dar uma noção do respeito que seu nome alcançou nacionalmente como cientista e homem empreendedor.

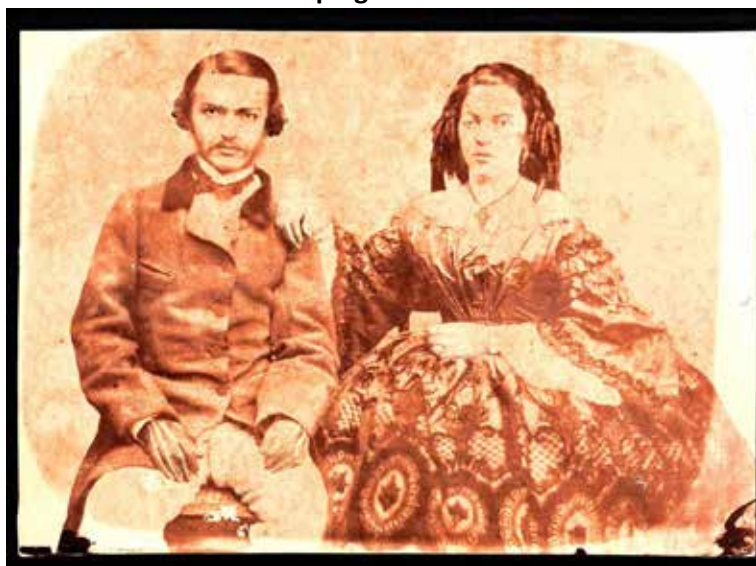
1 Origens, Formação e Descendência

Descendente de açorianos que vieram povoar o sul do Brasil, seus antepassados se estabelecem em Desterro (SC) e na Colônia de Sacramento, e posteriormente em Rio Grande (RS), na primeira metade do século XVIII, onde nasce Frederico em 18 de dezembro de 1839. Seu pai Major Manoel Joaquim de Souza Medeiros, Cavaleiro da Ordem da Rosa, negociante em Rio Grande, acumulava uma longa lista de serviços prestados à Pátria, tendo exercido as funções de juiz de direito interino e de delegado de polícia em Rio Grande, tendo sido também oficial das tropas de milícias tanto

em Santa Catarina quanto no Rio Grande do Sul, constam várias contribuições suas ao Tesouro Nacional, seja na compra de título de empréstimo da dívida pública, conforme solicitação de Martim Francisco Ribeiro de Andrada (ALBUQUERQUE, 1997, p. 5) e doações para o aparelhamento da Marinha de Guerra, foi também membro fundador da Praça, hoje Câmara, de Comércio da cidade de Rio Grande e seu presidente no biênio 1848/1849.

Sua formação começou no Collégio de Bellas-Letras em Desterro e posteriormente cursado dois anos na Escola Central 1858/59, depois denominada Escola Politécnica, no Largo de São Francisco na capital do Império, quando retorna para Rio Grande, dedicando-se as ciências naturais, que denotamos, se dá por um autodidatismo empirista, daí sua dedicação a aclimação de espécies úteis, tanto para fins alimentícios, quanto para fins industriais, sendo seu laboratório inicial a sua fazenda da Marambaia, na ilha dos Marinheiros, na Lagoa dos Patos ao largo de Rio Grande. A aclimação de espécies botânicas estrangeiras no Brasil vem a ser uma prática antiga e muito incentivada pelas autoridades desde o período colonial, com vistas ao aproveitamento em escala de novas possibilidades de produção, sendo o Jardim Botânico do Rio de Janeiro um exemplo de instituição criada com esse intuito, e a existência de instituições congêneres foi uma constante no Império português e isso vale para os outros países colonialistas como Grã-Bretanha e França.

Ilustração 2: Retrato do casal Frederico Guilherme de Albuquerque e Maria Ephigênia de Lorena



Fonte: Acervo do ICFGA, (s/data)

Frederico de Albuquerque deixou vasta descendência (teve 11 filhos) do seu consórcio com Maria Ephigênia de Lorena, que o honraram dignamente o seu nome, com destaque para o seu primogênito Jorge de Albuquerque, que paralelamente as suas funções de funcionário da Cia Leopoldina Railway, foi um poeta de valor; e o seu caçula Alexandre de Albuquerque, engenheiro e arquiteto de renome, que foi diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, além de ter editado trabalhos relevantes no ensino da construção civil e ter assinado projetos importantes. Este último em 1912 doou a biblioteca do pai para a Escola Politécnica de São Paulo. (CARAMORI, 2015, p. 178).

2 A Comissão Científica do Pacífico

Frederico de Albuquerque, torna-se conhecido nacionalmente, após a rainha da Espanha, S.M. Católica. D. Isabel II, lhe conceder em 1866, a Real Ordem de Isabel, a Católica, no grau de cavaleiro, pelos relevantes serviços prestados à expedição do Pacífico, última grande expedição científica espanhola, quando da passagem desta por Rio Grande em 1862. Com relação a essa expedição retiramos algumas passagens do Diário de Don Francisco de Paula Martínez y Sáez, referentes a novembro de 1862:

Día 27.- (...) Después de almorzar, con objeto de aprovechar el tiempo que creí sería corto, marché a casa de don Federico G. Albuquerque, a quien venía recomendado por el dueño de la fonda de Desterro.

Fui recibido por él con amabilidad y me mostró algunos peces, alguna ave viva, un zorro del país, plantas parásitas, etc. Le indiqué mi deseo y determinamos salir inmediatamente al campo.

(...) El amable Albuquerque nos suplicó que fuésemos después de comer a su casa para mostrarnos sus colecciones que habia hecho desempaquetar. Las tenía dispuestas para poder ser trasladadas a otro punto de la provincia en donde pensaba establecerse.

Comimos bastante bien y después de descansar un momento, fuimos a su casa, en donde nos sirvieron té que tomamos con la familia.

Quedamos sorprendidos al ver el número e importancia de los mamíferos y aves, todos del Brasil y la mayor parte de la provincia, que conserva en piel, unos preparados por un francés que permaneció algunos años en el país y otros por el mismo Albuquerque. No son menos notables los insectos que conserva y de los que dio algunos ejemplares a nuestro encargado de este ramo. Separó algunas pieles de vertebrados también con este objeto, así como algún pez y crustáceo.

Día 28- (...) La tarde fue tan lluviosa que no salí de casa. Por la noche estuve en la de Albuquerque que con los compañeros y concertamos una expedición viendo que no venía el buque que esperábamos. Día 29 – Aunque me levanté a las 5 y media no fue posible que estuviesen las cosas necesarias para expedición preparadas hasta las 8 y media. A esta hora,(...), me dirigí a casa de Albuquerque; con éste, su criado e Isern nos embarcamos para visitar la isla de los Maríneiros. (...).

(...) Sobre todo, llamaba la atención, racimos de orugas de algunas pulgadas, con manchas rojas sobre fondo claro; pelos rígidos, largos y de fuerte coloración; la simetría con que estaban colocadas en el ápice de los ramos, y el verde subido de las hojas de la planta, formaban un bonito contraste. Albuquerque no las había observado en este estado de abundância en los años anteriores. (...)

Nos reíamos de ver el grupo que formábamos. Sobre todo a mí me chocaba la viveza, inteligencia y amabilidad del joven negro criado de Albuquerque; cargado de utensilios de caza, no descuidaba la recolección de objetos por los que, según supe, le ofrecía premios su simpático amo.

(...) Algunas aves acuáticas nadaban cerca, a las que tiraba Albuquerque y quería coger su cariñoso perro.

Llegamos con felicidad y suplicamos a Albuquerque que comiese con nosotros, como en efecto lo hizo. En ella estuvo Paz, que había ido a visitarnos, y allí mismo dispusimos expedición.

Me acosté temprano a descansar satisfecho de la excursión; no había gran número de objetos, pero había habido orden, concierto y ben deseo. (MARTÍNEZ Y SÁEZ, 1994, p.73,74).

Desse relato temos uma aproximação interessante do homem e do cientista ao lidar com pesquisadores estrangeiros.

Ilustração 3: Diploma de cavaleiro da Real Ordem Americana de Isabel, A Católica, conferido a Frederico de Albuquerque



Fonte: Acervo do ICFGA

Curiosamente em 29 outubro de 1867, o *Diário do Povo* (RJ), na p. 02, nos traz nas notícias do Sul do Império, referente à 19 de outubro em Rio Grande, o seguinte relato: “Em consequência de um forte temporal. Desabara, na Ilha dos Marinheiros, a casa do Sr. Frederico de Albuquerque, não tendo sofrido sua família incômodo algum”. Na verdade, na ilha dos Marinheiros, Frederico de Albuquerque tinha o seu principal campo de experiências, na sua fazenda Marambaia onde ficava também a sua casa.

3 O Eucalipto

Com relação ao eucalipto, que consagra o seu nome na história agrícola brasileira, este se inscreve nas suas práticas de aclimação de espécies úteis que o faz ser muito lembrado, na verdade é uma referência constante, em textos atuais sobre o assunto, por ter sido um dos introdutores do eucalipto no Brasil, com diversas variedades, entre elas o *Eucalyptus globulus*, com sementes recebidas da Sociedade de Aclimação de Paris, tendo a cidade de Rio Grande um exemplar plantado por ele na praça próximo à catedral. O *Bulletin de la Société Impériale Zoologique d'Acclimatation*, em várias edições, como p.ex. (1867, p. 18), e (1870, p.101), entre outras dá ampla divulgação aos seus experimentos nessa área, bem como aos surpreendentes resultados alcançados pela aclimação dessa espécie de planta nas regiões temperadas do Brasil, informação essa também destacada no *Jornal de Horticultura Prática* (p. 31), editado na cidade do Porto em 1874, realçando os resultados alcançados por ele. Bem como o *Jornal La Belgique Horticole*, (1874, p. 84).

Ilustração 4: Junto à catedral de Rio Grande o eucalipto plantado por Frederico de Albuquerque



Fonte: Foto do autor

4 A vinda para o Rio de Janeiro

Em 1872, S.M. I. o Sr. D. Pedro II, convida Frederico de Albuquerque para trabalhar no Museu Nacional, cargo em que ele toma posse em 1874 como praticante da seção de botânica, nesse mesmo ano, ele é aceito como sócio efetivo na Associação Brasileira de Aclimação do Rio de Janeiro, onde manterá uma atividade constante, já como membro do Conselho de Administração, dedicação que manterá até o fim dos seus dias. No Museu Nacional, já em 1875 é promovido a adjunto da Seção de botânica. Nesse mesmo ano Frederico de Albuquerque é premiado com a medalha de prata na primeira exposição hortícola de Petrópolis, patrocinada por S.A.I. D. Isabel, princesa imperial do Brasil, sendo premiado também na segunda exposição de Petrópolis em 1876, quando recebe a Menção Honrosa em plantas ornamentais, na exposição de 1877 recebe a medalha de bronze pelo seu trabalho de editor da Revista de Horticultura (*GAZETA DE NOTÍCIAS*, 13 abri. 1877, p. 02). Nesse período do Museu Nacional Frederico Albuquerque aparece relacionado na coluna – Chronica local – do jornal *O Globo* do Rio de Janeiro, entre as pessoas que tiveram a honra de cumprimentar o Imperador e a Imperatriz na semana finda (14 set. 1875, 06 out. 1875 e 10 nov. 1875) relações aonde também se encontra o Dr. Ladislau Netto diretor do museu, sem a presença deste temos em (03 ago. 1875, 27 set. 1875 e 03 nov. 1875) e em notícia de cumprimentos à Princesa Imperial Regente Dona Isabel e seu digníssimo esposo o Sr. Conde d'Eu, temos Albuquerque no Paço da cidade em 18 abri. 1876 e 01 maio 1876 e no paço Isabel em 27 jul. 1876. Mesmo depois de ter saído do Museu Nacional Frederico de Albuquerque é mencionado como tendo cumprimentado o Imperador na *Gazeta de Notícias* de 14 jan. 1878 e entre as demais personalidades que tiveram a mesma honra destacamos o Sr. J. Rodrigues Barbosa, o almirante barão de Angra, o barão do Lavradio e o conselheiro Moraes e Valle.

Frederico de Albuquerque, se destaca também, pelo seu entusiasmo pela divulgação conhecimento agrícola em geral e principalmente nas escolas. Assim nas palestras ministradas sobre botânica em 1875, dentro dos cursos públicos do Museu Nacional, abertos a todos os interessados que quisessem assisti-los, coube a Frederico de Albuquerque, em 19 de agosto, falar sobre horticultura ornamental, preleção essa publicada no jornal “*O Globo*” do Rio de Janeiro em 26 de agosto, onde ele tece considerações filosóficas acerca da evolução conhecimento humano, bem como exprime sua opinião que a horticultura ornamental marca o mais alto grau de uma civilização humana no campo das belas artes, posto que só uma civilização avançada está preparada para apreciar a utilização de vegetais dispostos artisticamente para o embelezamento das cidades e bem estar da população, citando toda a evolução desse desenvolvimento ao longo da história.

Sobre esse assunto publicou em 1878, O jardineiro brasileiro: noções de agricultura, horticultura e paisagens adaptadas ao clima do Brasil.

**Ilustração 5: Diploma da Associação Brasileira de Acclimação
pertencente a Frederico de Albuquerque**



Fonte: Acervo ICFGA

5 O Beliche no Rio de Janeiro

Frederico de Albuquerque, cria no Rio de Janeiro um Instituto de Sementes, onde comercializa além de sementes, também plantas ornamentais, instrumentos agrícolas importados e pequenos animais. Esse Instituto ficou conhecido como Beliche, tendo o mesmo se localizado no Engenho Novo, o jornal *O Globo* de 25 mar. 1875, assim comentou o surgimento do Beliche:

Horticultura. O Sr. F. Albuquerque. já conhecido como diretor de moderno estabelecimento de horticultura no sul do Império, acaba de abrir outro igual nesta cidade, situado entre as estações da estrada de ferro D. Pedro II, Engenho Novo e Todos os Santos.

Dispondo dos conhecimentos botânicos que tanto auxiliam o horticultor, cremos que o Sr. Albuquerque dotará a capital com um estabelecimento modelo.

Pelo primeiro catálogo, correspondente ao mês de Março,

vê-se que embora criado há seis meses, dispõe já o estabelecimento de grande variedade de videiras, entre as quais muitas de origem americana, que mais facilmente se prestam a ser aclimadas entre nós. Além da coleção de videiras, possui já o estabelecimento, outras plantas, como sejam cycadeas, coníferas, gesnenaceas, etc.

Com relação a esse empreendimento registramos que no jornal *O Cruzeiro* de 19 jul. 1878, na seção Junta Comercial relativo aos contratos, alterações e distratos sociais realizados entre 08 e 13 de julho, encontramos:

Frederico Albuquerque e os comanditários, José Rufino Rodrigues Vasconcellos e Américo Rodrigues de Vasconcellos, para o comércio de plantas, flores e árvores frutíferas, nessa Corte, com o capital de 18.000\$, sendo 6.000\$ dos comanditários, sob a firma de F. Albuquerque.

Destes sócios, temos que o primeiro vem a ser um empreendedor que se destacou em diversos negócios, era maçom da Grande Oriente Unido, membro da Imperial Irmandade de N^a S^a da Glória do Outeiro e membro da primeira diretoria da Associação de socorros à invalidez denominada – Previdência. O segundo, oficial de engenheiros do Exército, que chegou a general de brigada.

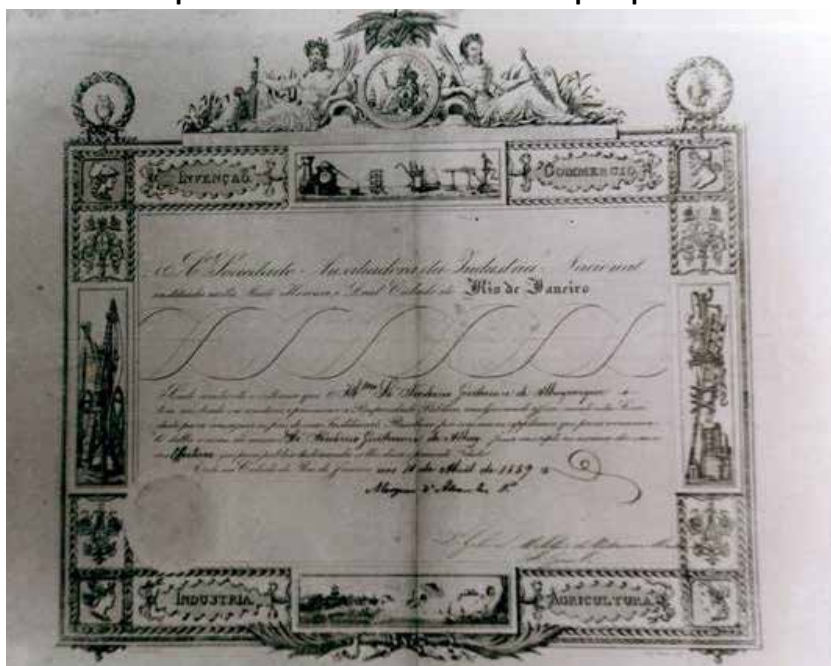
6 Vinculação a instituições científicas e ou corporativas

As instituições a que Frederico de Albuquerque, estava ligado como sócio, além da Sociedade Brasileira de Acclimação (Rio de Janeiro), são: a Sociedade Rio Grandense Beneficente e Humanitária (São Paulo), Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional - 1859 (Rio de Janeiro), Società Geográfica Italiana (Roma), Sociedade de Comícios Agrícolas, e como se verá mais adiante, da Sociedade Nacional da Agricultura (Rio de Janeiro). Como curiosidade temos que em homenagem a Frederico de Albuquerque, o seu amigo e cientista, João Barbosa Rodrigues ao descobrir uma nova espécie de planta deu-lhe o nome de *Sinningia albuquerqueana* (REVISTA DE HORTICULTURA, fev. 1878, p. 38).

Na sua vida profissional deu grande ênfase na participação das instituições científica e corporativas, onde nota-se sua constante presença nas páginas d' *O Auxiliador da Indústria Nacional*, órgão da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, desde a seu ingresso naquela organização em 1859 como sócio efetivo, seja na participação nas sessões do Conselho Administrativo, seja na remessa de exemplares da Revista de Horticultura, seja remetendo informações das suas atividades quando em São Paulo,

sendo em 1896 nomeado colaborador na revista da sociedade, conjuntamente com outros destacados cientistas. Registrando-se pelo menos uma indicação sua para sócio efetivo, que vem a ser a do Dr. Antônio Augusto de Carvalho Monteiro, advogado, por Coimbra, residente em Lisboa, nascido no Rio de Janeiro, sendo este uma figura de destaque em Portugal, onde recebeu a alcunha de Monteiro dos Milhões pela sua grande fortuna, era dono de uma grande e importante (a mais importante) coleção camoniana e se destacou pelo seu altruísmo.

Ilustração 6: Diploma da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional pertencente a Frederico de Albuquerque



Fonte: Acervo do ICFGA.

7 Interlocutores Estrangeiros

Frederico de Albuquerque, ao longo de sua carreira, se correspondeu com diversas importantes instituições no exterior, com as quais empreendeu construtivo e frutífero diálogo desde a década de 1860 até a sua morte, onde destacamos Louis Agassiz solicitando a sua colaboração para o Museu de Cambridge em 1865. O tema videiras ensejava os contatos D. J. Léon Souberain da Societé Imperiale Zoologique de Acclimatation em 1868. O intercâmbio de semente e plantas era o tema dos contatos com o Muséum de Histoire Naturelle se dava com Charles Naudin em 1869. Outro interlocutor dentro da Sociedade Imperial de Aclimação da França era o

Secretário geral Conde d'Épresmesnil. O funcionamento da Société Paternelle Colonie Agricole de Mettray foi o assunto abordado com Frédéric-Auguste Demetz e José Luiz Martins. O intercâmbio de sementes e plantas era o tema de contato do Smithsonian Institute através de Joseph Henry. Sobre intercâmbio de plantas e sementes, uma vez mais com Charles Nauidim, agora em Colliore nos Pireneus orientais. Plantas ornamentais com Jan Verschaffelt de Gand – Bélgica e sobre o mesmo tema com A. E. Mazel de Marselha. Na década de 1880 na agora rebatizada de Société Nationale d'Acclimatation de France com o secretário geral Q. Geoffroy de Saint-Hilaire. O intercâmbio de plantas e sementes foi tema de conversações com o Diretor Raphael Noter do Institute Agronomique de Cipaza près Marenngo na Argélia, esse mesmo tema foi abordado, uma vez mais, com Charles Poillieux, vice-presidente da seção de vegetais da Sociedade de Acclimação da França. Com o secretário assistente do Departamento de Agricultura norte americano Edwin Treeits o tema foi a *Luffa Cylindrica* Acutângula. A luffa também foi tema de contatos com A. Devéze de Yokohama – Japão e M.L.Q van Ledden Hulseboschi de Amsterdã. Na Austrália temos a correspondência com L.A. Bernays presidente as Queensland Acclimatation Society, cujo temas tratados foram a *Luffa* e a fundação de uma sociedade de aclimação em São Paulo. (ALBUQUERQUE, 2016, p.93-114).

8 A Revista de Horticultura

Seu entusiasmo pelo poder do conhecimento, levou-o a publicar em 1876 a Revista de Horticultura, que começa em janeiro daquele ano e vai até dezembro de 1879, em fascículos mensais, de 20 páginas ilustrados, onde são veiculados artigos do próprio Frederico e de vários colaboradores, entre eles vários cientistas de renome que apoiavam e/ou colaboravam com artigos, com destaque para o Dr. João Barbosa Rodrigues, além de artigos estrangeiros de interesse da lavoura nacional, traduzidos pelo próprio editor. Hoje os quatro volumes que correspondem a edição completa da Revista de Horticultura, são bastante raros.

Uma análise sobre o pensamento de FGA pode ser feita através das inúmeras ideias defendidas por ele na sua Revista de Horticultura (RH), onde o cientista busca levar para um público amplo, que vai do hortelão ao grande agricultor, passando pelo jardineiro amador uma gama de conhecimento que pudessem viabilizar práticas racionais e potencializadoras da produtividade nesse campo da economia nacional. Assim Albuquerque vai se pronunciar sobre a necessidade do ensino de práticas agrícolas nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e ginasial (em um país eminentemente agrário), em contrapartida àqueles que defendiam a criação de

escolas agrícolas, ideia esta que o mesmo provava ser inviável pelos custos altos e de pouca amplitude. Também em relação aos efeitos negativos da escravidão sobre o estágio de desenvolvimento da agricultura ele teceu considerações pertinentes. Outro ponto significativo e premonitório do mesmo vem a ser a questão da derrubada indiscriminada das florestas e a prática das queimadas comumente usadas pelos agricultores brasileiros, com o governo devendo exercer, segundo ele, o seu poder coercitivo, proibindo tais práticas, bem como exigindo a aplicação de práticas mais eficientes no trato da terra, como o uso da charrua, do arado e de adubos, tudo isso remetendo ao ensino dos mesmos nas escolas por todo o país. Em janeiro de 1879 (RH), já reforçava o discurso da necessidade de se intensificar a corrente do fluxo migratório da Europa para o Brasil, como forma de se conseguir os braços que a lavoura precisava, no entanto alertava que as condições que os imigrantes encontravam aqui em nada ajudava a que estes convencessem outros seus conterrâneos a segui-los, muito pelo contrário. Corajoso Albuquerque não se intimidava em confrontar ideias divergentes das suas em prol de um debate construtivo do qual só poderia gerar o desenvolvimento da ciência nacional, inclusive mesmo quando a divergência era com amigos como o Dr. Nicolau Moreira, que na Seção Agrícola do jornal O Globo, de 25 maio 1875, responde alguns questionamentos de Albuquerque em relação a algumas características físico-químicas do café amarelo que estava sendo produzido experimentalmente na região de Botucatu no interior paulista. Sintetizando temos que Albuquerque buscava através da divulgação científica e da divulgação de conhecimentos práticos, auxiliar a lavoura nacional a dar um salto de produtividade, atitude essa que o coloca entre aqueles que pugnaram pela grandeza do Brasil.

Um dos elementos que ajudavam o esforço da publicação da revista era a assinatura de exemplares feita pelo Ministério da Agricultura na gestão do Conselheiro Tomás Coelho, assinatura essa que certamente cobria os custos fixos para a edição da mesma, no entanto com uma mudança de Ministério, substituído por João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, a nova gestão suspende essa aquisição, como noticiado em O Cruzeiro (p. 5), jornal do Rio de Janeiro, a 24 fev. 1878: “Por aviso do Ministério do Império, datado de 23 do corrente, mandou-se cassar o pagamento da quantia de 250\$000 mensais a Frederico de Albuquerque pela assinatura de 500 exemplares da Revista de Horticultura, visto não consignar a lei do orçamento vigente, fundos necessários para tal despesa”.

Sobre esse baque F. Albuquerque assim se expressa na Revista de Horticultura de março, 1878, p. 42-43:

A <Revista> e a Derrubada: (...) A situação que caiu julgou dever proteger uma publicação da natureza da Revista; a situação que se levanta, não seria lógica se a não procurasse destruir; são opiniões, e felizmente para esta boa terra cada um tem a opinião que quer, e, o que é melhor ainda, fica contente com ela. Sirva-nos de consolo que mais de uma pessoa desinteressada entende que estamos prestando ao país serviço mais real, do que se levássemos nosso concurso a qualquer dos dois partidos, que em luta estéril se debatem sobre a pátria agonizante, em vez de cuidar de salvá-la do abismo; e também as seguintes palavras que enviadas por um órgão importante de nossa imprensa, publicado em um país que, felizmente para ele, bem pouco se parece com o nosso, nos chegaram ao mesmo tempo que a notícia do corte sofrido pela Revista: “É de jornais como a Revista de Horticultura que precisamos no Brasil”.

São opiniões; o Sr. Ministro do Império não concorda com a ilustrada redação da Aurora Brasileira, do mesmo modo que não concorda com o Sr. Ministro um nosso correspondente, que não temos o prazer de conhecer, nem a honra de ser por ele conhecido, mas que conhecendo a Revista nos escreve : «É realmente vexatória a notícia que recebi. Pobre Brasil, com tais cidadãos e com governadores tão cegamente econômicos o que será de ti e do futuro de novas gerações perante o espantoso progresso do mundo inteiro?!... Muito pode a ignorância... e é o caso de perdoar aqueles que não sabem o que fazem».

Na edição de dezembro de 1878, p. 221, já deixava transparecer que o esforço da edição da mesma estava cada vez maior:

Revista de Horticultura.— Completa hoje a Revista o terceiro ano de sua existência e nós, que ao começá-la, lhe fadávamos vida muito mais curta, não podemos deixar de novamente agradecer aos assinantes que nos têm ajudado, e aos raros amigos que mais intimamente se interessando por ela, lhe tem acudido com seus escritos ou cuidado de aumentar-lhe a circulação; a imprensa agradecemos também o alento que nos tem dado, animando-nos a continuar em tão árdua tarefa, o que, só a troco de sacrifícios multiplicados, temos podido fazer.

O nosso programa não tem, em verdade, sido até hoje completamente cumprido; para essa falta, bem involuntária, pedimos desculpa; tanto mais que uma publicação como a Revista nunca pode ser, como ela vai sendo, a obra quase exclusiva de um ho-

mem, mais sim o resultado do concurso de muitos agricultores, horticultores ou simples amadores.

Quisessem eles, como ousamos esperar no princípio, comunicar-nos os resultados interessantes de sua prática e os frutos de sua observação, e a Revista ocuparia, com facilidade, lugar distinto entre as publicações análogas, feitas nas partes mais adiantadas da Terra.

Que os nossos lavradores se lembrem pois que o sucesso intelectual da Revista não pode ser devido ao esforço de um só homem, do mesmo modo que o sucesso material não deve depender exclusivamente de seus sacrifícios.

Numerosos colaboradores, e assinantes mais numerosos ainda, é só quanto lhe pedimos para chegar ao resultado desejado: eles que experimentem e se convencerão prontamente.

Por essas palavras podemos ver que Frederico de Albuquerque, esperava sinceramente que os seus leitores implementassem os conhecimentos que ele divulgava na revista, bem como tinha a ansiedade de que eles retornassem seus sucessos para serem divulgados. A imprensa especializada deu destaque a esse esforço, como se pode ver no Jornal *La Belgique Horticole* (1877, p. 252, p. 382).

Curiosamente em artigo no *Jornal da Tarde* de 15 dez. 1880, p. 2-3, portanto após a edição do último número da Revista de Horticultura, o Sr. Américo Brasiliense, chama atenção sobre a importância da mesma para a província de São Paulo e para o país:

Adepto sincero de entusiasta de todos os recursos, com que pode ilustrar-se a inteligência pública, eu aplaudo a empresa, que sobre si toma o ilustre Sr. Frederico de Albuquerque, de publicar nesta capital a Revista de Agricultura e Horticultura Prática.

9. Um defensor de Charles Darwin

Ilustração 7: Capa da edição de fevereiro de 1877 da Revista de Horticultura



Fonte: Exemplar da Biblioteca Nacional.

Nas páginas da Revista de Horticultura, Frederico de Albuquerque defendeu intensamente a teoria de evolução das espécies, de Charles Darwin, tendo inclusive criado célebre polémica com o Dr. Ladislau Neto, diretor do Museu Nacional, que segundo o autor, contribuía para a estagnação da ciência no Brasil, posto que, o quê em parte se ensinava no país, não evoluía face ao conservadorismo do mesmo em relação a teorias importantes que estavam sendo divulgadas e comprovadas nos países avançados, o que mais adiante surtirá efeito:

En este mismo año de 1876, en sus clases de botánica en el Curso Público del Museo Nacional, hizo (Netto) duras críticas al trabajo sobre plantas insectívoras presentado por Darwin y Hooker en la – British Association of Belfast-, en 1874. Según el redactor de la Revista de Horticultura, Frederico Albuquerque, Netto afirmó que los naturalistas ingleses habían exagerado en sus observaciones para defender sus ideas evolucionistas, llamándoles – charlatanes (Curso do Museu – REVISTA DE HORTICULTURA, v.1, n. 4, 1876). La postura crítica de Netto con respecto al trabajo de Darwin y Hooker, hizo a Albuquerque iniciar duros ataques a él y a sus explicaciones botánicas dadas durante los años siguientes. Mas, es preciso observar que Ladislau Netto, en 1878, cuando publicó el programa de sus cursos de botánica en los Archivos del Museo Nacional, en un pasaje en que habló de la evolución, se mostró adepto de las ideas de Haeckel diciendo, por ejemplo: *La identidad de estructura que ofrecen todas las células, tanto vegetales como animales justifica em el más alto grado la perfectibilidad de la doctrina evolutiva que les da el reino de los ‘Protistas’* – (DOMINGUES E SÁ, 1999, p. 94).

Denotamos que para isso, Frederico de Albuquerque, estava embasado, numa constante atualização e experimentações, somando-se a uma rede de conexões internacionais e nacionais, do mesmo, que mostram uma presença científica prática e teórica, que, como dito antes, vão do intercâmbio de ideias com sociedades científicas estrangeiras, bem como a troca de espécimes de sementes para aclimação, tanto com as ditas sociedades científicas quanto com cientistas renomados como p. ex. Louis Agassiz, nos Estados Unidos da América, além de cientistas no Japão, Austrália e Europa, e um número expressivo de correspondentes nas mais diversas províncias do Império.

9 Mudança para São Paulo

Já desligado do Museu Nacional, em 1877 Frederico de Albuquerque, aceita o convite do Conselheiro Antônio Prado, para fundar no município de Santo André (SP), uma escola de viti-vinicultura, que no entanto não se concretiza. Frederico funda um novo Beliche, nos mesmos moldes do anterior, onde consegue destaque, tanto comercial, tendo sido sondado a respeito da criação de uma filial do mesmo na Bahia, quanto científico. Em 1878, publica “O Jardineiro Brasileiro”, onde o autor mostra o seu entusiasmo pela agricultura de espécies ornamentais, como uma vertente da produção agrícola, o que vem a colocá-lo, de novo, como um homem a frente do seu tempo, haja vista, serem hoje as plantas ornamentais uma vertente ímpar no espectro de produtos agrícolas comercializados, e o seu estabelecimento comercial era

uma referência para a aquisição de rosas, camélias, azaleias, entre outras plantas ornamentais (PESSOA, 2015). Nesse trabalho onde o autor trata do paisagismo, fica patente a admiração pelo Dr. A F M Glaziou, a quem inclusive o autor dedica um volume da sua Revista de Horticultura (1878).

Ilustração 8: Diploma da Sociedade Rio-Grandense Beneficente e Humanitária (São Paulo) pertencente a Frederico de Albuquerque



Fonte: Acervo do ICFGA

Sua trajetória em São Paulo foi extremamente proveitosa, conquanto sua reputação foi elevada nos meios comerciais, científicos e também no serviço público. Em 1880 se estabelece na rua do Braz, 96. Em 1881, estava estabelecido na rua de S. Bento, 34 sob a firma F e J: Albuquerque (Casa Especial de Sementes, Instrumentos e livros tanto de Horticultura como de Agricultura). Publicou diversos artigos sobre agricultura nos periódicos da capital paulista, com destaque para – Viticultura: O vinho em S. Paulo, publicado em duas partes no *Diário Popular*. Vale notar que sua coleção de vides americanas em São Bernardo do Campo era considerada uma das

mais variadas do Estado. Exerceu a chefia da seção agrícola da Companhia Ceres Paulista, sediada em Mogy das Cruzes, da qual veio a ser diretor. Foi membro do Conselho Fiscal da Companhia Evoneas de Santo Amaro. Na diretoria eleita para os anos de 1891/92, da Sociedade Sul Rio-grandense exerceu o cargo de tesoureiro. Um fato que reforça o prestígio de Albuquerque, vem a ser o fato de ter participado como mesário nas eleições de 1891, para deputado, na 2ª seção da Zona eleitoral de Santa Ephigênia, situada na escola pública da Rua São João, numa época em que alguns poucos homens de bem tinham a ilusão de que a república seria um avanço para o nosso país, anteriormente (na monarquia) era eleitor na zona eleitoral de São Bernardo, para onde teve o domicílio eleitoral transferido em 1888, anteriormente votava no Braz (CORREIO PAULISTANO, 17 out. 1886, p. 3). Registramos também uma homenagem à sua pessoa por parte da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de São Paulo que lhe outorgou um belo diploma.

Um fato a se destacar na passagem de Frederico de Albuquerque por São Paulo, foi a elaboração por ele, de um mapa da parte central capital paulista, onde ele destaca os principais prédios e monumentos e destaca em detalhes os jardins públicos, por ele elaborado em função da dificuldade por ele encontrada para se localizar na cidade naquele momento inicial da sua estadia, trabalho esse gravado por Jules Martin. (GALVÃO, 1981; BLAKE, 1895). Em 13 de julho de 1877, o Jornal *O Globo* do Rio de Janeiro na página 3, dá a seguinte notícia: “De S. Paulo recebemos um lindo mapa da capital dessa província, contendo além da planta topográfica, a estampa dos seus edifícios mais notáveis. Este interessante mapa é publicado pelos Srs. Frederico Albuquerque e Jules Martin. Sobre o mapa vêm traçadas as linhas férreas urbanas”.

Do Rio de Janeiro e de São Paulo seu nome se irradiou pelo Brasil, posto que Albuquerque anunciava os seus produtos por todo o Brasil, como no *Jornal da Lavoura* (Órgão Especial da Lavoura do Maranhão) de 15/10/1876, nesse mesmo jornal, na edição de 30/11/1876 temos a transcrição de um artigo da Revista de Horticultura sobre o Café da Libéria de autoria de F. Albuquerque, e na mesma edição são anunciadas mudas dessa planta vendida no Beliche a 25\$000 réis a unidade e quatro por 100\$000 réis.

**Ilustração 9: Mapa da capital da Província de S. Paulo, de 1877,
de autoria de Frederico de Albuquerque e de Jusles Martin**



Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de São Paulo

Como empresário F. Albuquerque, nessa fase paulista do Beliche procura dar ênfase a diversificação de culturas e a introdução de animais de criação no país, como podemos ver pelas notícias do Jornal do Agricultor do Rio de Janeiro:

(Publicação essa, da qual a firma F & J: Albuquerque, eram agentes especiais em São Paulo, jan./jun.,1880, p. 320):

O Sr. Frederico de Albuquerque, nosso ilustrado colega redator da Revista de Horticultura, e introdutor das vinhas americanas na província do Rio Grande do Sul, ora estabelecido na capital da província de S. Paulo, está no propósito

de introduzir e aclimatar nessa província, diversas raças de animais europeias e asiáticas. Já recebeu um casal de porcos ingleses berkshire, raça reputada a melhor das conhecidas para toucinho, assim como diversos casais de faisões prateados e comuns de colar, galinhas da raça Creve coeur, Houdar, Dorhing, Hamburgo, prateadas. Holandezas, pretas de topete branco, Brahmapootra, Conchinchinas, Carijós e Negras do Japão, e Malaías.

Consta-nos que muitos outros animais são esperados e introduzidos brevemente.

Fazemos votos pelo êxito dessa feliz tentativa.

Observamos que essa notícia também foi dada pelo jornal de São Paulo *A Constituinte* (órgão liberal diário) de 19 abril de 1880, citando como fonte o *Jornal A Província*, jan./jun., 1881, p. 79:

O Sr. Frederico de Albuquerque, este ilustre rio-grandense, de quem por mais de uma vez temos tido ocasião de falar, com relação ao magnífico estabelecimento de aclimação de plantas e animais, que fundou em S. Paulo, e ao qual tem procurado dar o maior desenvolvimento, acaba de receber diretamente da França, mais alguns exemplares; contando-se entre esses – uma porca escolhida da pura raça Berkshire, tão reputada pelos entendedores – e alguns casais de collins, da Califórnia.

O collin é uma ave útil, ultimamente aclimatada na Europa, onde hoje vive já quase em estado doméstico e de cuja introdução muito de ocuparam, na ocasião, os jornais especialistas.

Seu trabalho continuava repercutindo em outras unidades do Império, como registramos na seguinte notícia veiculada no jornal *A Folha Nova*, do Rio de Janeiro, de 19 dezembro de 1882:

O Sr. Frederico Albuquerque, de S. Paulo, ensaiou o plantio de algumas variedades de trigo e outras de aveia, obtendo resultado que convida a novas e mais vastas tentativas. A terra em que fez a experiência era de má qualidade, mas isso não obsteu a que as espigas vingassem e bem nutridas e granuladas que elas são, segundo nos informam.

Em matéria intitulada GALINHA CRÉVE-COEUR: (jul./dez. 1885, p. 119)

O introdutor desta raça no Brasil, foi o Sr. Frederico de Albuquerque, distinto e ilustrado horticultor brasileiro, a quem a Província do Rio Grande do Sul, deve a introdução e a aclimação da videira americana e que atualmente se empenha em tornar uma realidade a fabricação de vinho em larga escala na Província de S. Paulo.

F. Albuquerque, publicou artigo em duas partes com o título – Viti-cultura – O vinho em S. Paulo, no *Diário Popular*, conforme informa o *Correio Paulistano* na Seção Jornal dos Jornais.

Em matéria intitulada CULTURAS DAS MELANCIAS (Cucubita citrullus): (jan./jun., 1890 p. 317)

D'entre as muitas variedades d'esse fruto destacaremos as seguintes que são especialmente recomendadas por Frederico de Albuquerque distinto agrônomo paulista (sic), (em 1888 já havia relacionado as suas: cultura da abóbora e a cultura do feijão):

Orgulho do Beliche. (pesando de 15 a 20 kilos).

Rainha de Cuba. (quando bem cultivada chega ao peso de 50/60 kilos).

Primeira de todas. (extraordinária precocidade).

Seminole. (oriunda da Flórida – EUA).

Volga. (oriunda da Rússia).

Orgulho da Georgia. (recomendada às hortas que mandam seus produtos ao mercado).

Sem Rival. (muito precoce e muito doce).

Triunfo. (oriunda do Mar Negro).

Abolicionista. (maturação precoce e de aroma e gosto excelente).

Com relação ao *Jornal do Agricultor*, devemos acrescentar que o mesmo publicou vários textos de F. Albuquerque, como por exemplo, na edição de abril de 1882, onde encontramos os seguintes textos: Plantas dos Herbários – conservação das cores, p. 241; Multiplicação das Folhas, p. 254; Lesmas, p. 272.

Na edição de janeiro de 1887, temos a matéria A Consolida do Cáucaso, que F. Albuquerque, assina do Sítio do Beliche, S. Paulo, 16 dez., 1886.

Outra cultura a que se dedicou foi a introdução da *Luffa aegyptiaca*, a popular bucha, ainda hoje muito usada, numa época em que não havia fibras sintéticas, representando portanto, uma opção interessante de uso de uma fibra vegetal com utilidade na higiene corporal, além de utilidade medicinal, por exemplo.

Funcionando com a razão social F. Albuquerque & Filhos, o Beliche anualmente publicava um catálogo chamado Sementes do Beliche, que era enviado aos mais diversos clientes pessoas físicas e jurídicas, além de jornais do país, como a *Tribuna Liberal* e *Don Quixote*, este de Ângelo Agostini, do Rio de Janeiro; o jornal *Minas Gerais*, de Ouro Preto, ainda capital do Estado mineiro; ou *A Cidade de Ytu*, periódico da cidade homônima em São Paulo, entre muitos outros, o que lhe rendia uma propaganda gratuita, pois as folhas agradeciam a remessa do catálogo publicamente em suas páginas. Constando o catálogo de 1896 no acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. F. Albuquerque já fazia questão de mostrar seu estabelecimento como um “Estabelecimento Especial para introdução e propagação de sementes, animais de raça e instrumentos agrícolas.” E de fato sua empresa gozava de renome nacional.

Em 27 maio de 1888, o *Diário de Notícias*, na p. 2, do Rio de Janeiro acusa o recebimento do:

Catálogo Ilustrado da Casa dos Srs. F. Albuquerque & Filho, introdutores e propagadores de parreiras, productos das sementes do Beliche, estabelecidos na estação de S. Bernardo da estrada de ferro de Santos a Jundiahy, S. Paulo. É um bello livro com boas gravuras de diversos productos da lavoura e instrumentos agrícolas e dois lindos cromos representando cachos de uvas brancas, contendo excelentes informações acerca dos productos do estabelecimento dos Srs. F. Albuquerque & Filho.

Damos parabéns aos distintos agricultores pelos resultados magníficos do seu trabalho e recomendamos ao nosso público as excelentes sementes e arbustos das plantações d'aqueles industriais, para que compense os seus bons serviços à lavoura do nosso paiz, comprando em uma casa séria as plantas de que carecer. O catálogo é enviado grátis a todos os que desejarem possuí-lo.

Em 1889, Frederico de Albuquerque é nomeado Administrador dos Jardins Públicos da capital da província de São Paulo, cargo em que foi confirmado, após o golpe de Estado que impôs a república aos brasileiros, como Inspetor dos jardins públicos, do agora Estado de São Paulo, a permanência nesse cargo vai até 1892.

Vale ressaltar que sua obra no tocante ao paisagismo, foi recentemente objeto de análise do pesquisador Guilherme O. M. Dourado, na sua defesa de tese de mestrado na USP, com o título “Belle-époque dos jardins: Da França ao Brasil do século XIX ao início do século XX. Plantas ornamentais (introdução)”, que analisa a sua obra de 1874 a 1892, como horticultor

e editor da Revista de Horticultura. Em 2012 esse trabalho de Guilherme Dourado teve uma edição artística belamente organizado por Bia Hetzel e Silvia Negreiros, com o título “Glaziou e as Raízes do Paisagismo no Brasil”.

10 Método de Trabalho

Uma das práticas que podemos observar no modo de trabalho de FGA, vem a ser a criação dos campos de experiências, onde ele realizava as suas experimentações, assim temos a fazenda da Marambaia na Ilha dos Marinheiros em Rio Grande, e ainda no Rio Grande do Sul em 1871 na Serra dos Tapes, distante três léguas de Pelotas. Em São Paulo, as vides americanas de seu campo de experiências em São Bernardo eram famosas (58.000 parreiras de qualidade), posteriormente ele ofereceu esse terreno, onde também funcionava o Beliche, para venda (1891) para as instalações da futura Escola de Viticultura, então em organização pelo Estado de São Paulo, negócio esse que não se efetivou e o Beliche de São Paulo ficou funcionando como filial. No Rio de Janeiro, além do Beliche na Piedade, arrendou um terreno na estrada de Santa Cruz, 69, que solicitou ao comissariado da circunscrição o aterramento de uns pântanos existentes na cimeira deste, conforme o DOU de 27/05/1895. Em 1897, às vésperas da sua morte, vai visitar o Barão da Taquara, em Jacarepaguá, para negociar o arrendamento de terras para um novo Campo de Experiências.

Sobre esse tema o *Auxiliador da Indústria Nacional*, jul./ago./set., 1896, p. 148, assim se refere:

A instrução agrícola, não resolverá por si só o problema, mas será um dos mais fortes elementos para a solução e o meio que se nos afigura, até certo ponto, mais eficaz para difundi-la é a fundação de campos de experiência e de demonstração, que têm constituído o escopo de uma propaganda enérgica e patriótica promovida por uma plêiade brilhante de amigos da lavoura, tais como os Drs. Ennes de Souza, Campos da Paz, Vaz Pinto e Frederico Albuquerque. Faça o governo Municipal o que já empreendeu com resultados este último cidadão, de notória competência profissional, e terá cooperado para o levantamento da pequena lavoura neste Distrito.

11 A vini/viticultura

Com relação ao pioneirismo de Frederico de Albuquerque, ainda temos a sua intensa campanha da difusão da ideia e defesa da viticultura como uma indústria de relevância nacional, através de artigos na imprensa e na publicação de livros sobre o assunto, que começam em 1867 com o artigo “A indústria do vinho” publicado no Diário do Rio Grande, ao qual se somam mais outros vinte artigos sobre o tema, publicados em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo até 1893, passando pela publicação em 1876, de uma memória apresentada ao ministro da agricultura, Conselheiro Thomáz Coelho, sob o título “Da Videira – Sua origem e história – conveniência de sua cultura – variedades preferíveis”.

Esse pioneirismo de F. Albuquerque tem um grande reconhecimento atualmente:

Para abordar esse período inicial, tomo como estudo de caso, os artigos sobre vitivinicultura da Revista de Horticultura – Jornal de Agricultura e Horticultura Prática (Rio de Janeiro, Typografia Universal E. & H. Laemmert), que foi a primeira do gênero em horticultura, de propriedade do horticultor Frederico de Albuquerque, e por ele editada, no período entre 1876 e 1879. Destaco que essa análise não deve ser vista como o principal exemplo ou modelo. Ela é um ponto de partida para que outros estudos venham analisar comparativamente em outras revistas e jornais da época a vitivinicultura em suas páginas.

Na Revista de Horticultura, em diferentes seções, encontramos notas e artigos sobre a vitivinicultura estrangeira e nacional. Desta última, são citados, por exemplo, produtores da Ilha dos Marinheiros e de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, de Itabira, em Minas Gerais e de Bragança, no estado de São Paulo. Merece destaque não somente por isso, mas por ser uma revista cujos conselheiros eram membros das classes políticas imperiais e das instituições científicas que viam na divulgação das ciências uma das maneiras de trazer o progresso ao país, ao lado das escolas profissionais, museus e conferências públicas. (OLIVER, 2009, p. 51).

Tendo feito inclusive a introdução e aclimação de diversas variedades de videiras americanas na sua estação experimental na Ilha dos Marinheiros. Vemos também aqui o cientista visionário, se levamos em conta o grande desenvolvimento que esta indústria tem hoje, notadamente no próprio Rio Grande do Sul.

No começo de 1889, o *Diário de Pernambuco* de 04 de janeiro, reproduz uma matéria do *Jornal do Comércio*, da Corte, onde destacamos a seguinte parte:

Exposição Brasileira Preparatória (para a Exposição Internacional de Paris) VI – Quase no fim d'este breve retrospecto da indústria nacional, a que deu ocasião a exposição preparatória, foi-nos muito agradável verificar que as manufaturas de paulistas começaram a enviar seus produtos. Em questões industriais a abstenção é ainda mais prejudicial do que nas políticas. Retirar-se de um concurso é renunciar à competência e igualmente a fornecer o consumo. (...)

É justo fazer menção especial dos vinhos exibidos pelo Sr. F. Albuquerque. São das novidades de 1887 e 1888, branco e tinto doce, e estão acondicionados em elegantes meias garrafas. Pela primeira vez, reconhecemos em nossos vinhos um tipo especial e aceitável, que não é o chileno nem o americano e ainda menos o europeu. As duas qualidades expostas distinguem-se pela suavidade e apetitoso sabor do tinto e pela brandura natural e pureza do branco. São vinhos perfeitamente apropriados ao consumo das boas mesas, e aos quais não se pode notar a mácula do álcool de cana não desinfetado, que é o tropeço de alguns dos nossos produtos, e a acídula extrema que caracteriza outros. Já reconhecíamos o Sr. F. Albuquerque como escritor especialista e propagador das nossas videiras, e agora como vinificador é, sem dúvida, um dos principais do Brasil. Consta-nos que a sua adega está vazia, tendo vendido toda a safra. (...).

No *Auxiliador da Indústria Nacional* (1889), essa coletânea de artigos do *Jornal do Comércio*, é publicada na íntegra (p. 221), nos informa que F. Albuquerque recebeu o diploma de mérito dos expositores do sétimo grupo (bebidas), pelos vinhos de uva, branco e tinto. Temos aqui a consagração dos esforços de Frederico Albuquerque no tocante a indústria do vinho no Brasil, como viável e desejável, desde que trabalhada com profissionalismo.

12 A volta para o Rio de Janeiro

Em 1892, retorna ao Rio de Janeiro, onde reinstala o Beliche, próximo à estação da Piedade da Estrada de Ferro Central do Brasil, dando prosseguimento aos seus experimentos e práticas comerciais. Sua saída da posição de Inspetor dos Jardins Públicos da capital paulista se deu em função da incompatibilidade dele com as novas autoridades republicanas,

que não davam importância para aquela repartição, em flagrante contraste com as autoridades monarquistas anteriores, para desgosto do republicano Albuquerque de ter de admitir que o seu trabalho era respeitado pelas autoridades do regime deposto. Esse retorno ficou registrado nas páginas de *O Paiz* (10 jul. 1892), na primeira página, onde nos diz que:

Chegou de S. Paulo o cidadão Frederico Albuquerque inspetor dos jardins públicos do Estado de S. Paulo.

Consta-nos que o Sr. Albuquerque foi chamado a esta capital para tomar conta de comissão importante a ciência ainda muito pouco estudada entre nós.

Trabalhador, inteligente, pertinaz nos estudos a que se dedica, o honrado republicano bem merece dos que devem olhar para o desenvolvimento das instituições instrutivas e científicas da nossa terra.

Em continuidade das informações acerca desse retorno de Albuquerque ao Rio de Janeiro nos dá a seguinte notícia em 26 jul. 1892:

O Sr. Frederico Albuquerque, inspetor dos jardins públicos em S. Paulo, assumiu ontem a direção do Jardim Zoológico, que vai ser agora transformado em jardim de aclimação, com o intuito principal de domesticação de animais e plantas da nossa fauna e flora.

Dispondo de toda competência, muito podemos esperar do Sr. Albuquerque, que alias não dispensa, mas antes solicita o auxílio público e da imprensa fluminense, para completo êxito de sua tarefa.

No entanto, essa ligação com o Jardim Zoológico demorou pouco tempo, posto que a forma alternativa que o seu idealizador, o barão de Drummond, criou para financiar a manutenção do mesmo não agradou o novo diretor, pois tratava-se de um tipo de loteria associando números a determinados animais, e que mais à frente foi popularizado com o nome de jogo do bicho. Por tratar-se de um jogo de azar desagradou o mesmo que resignou ao cargo.

No âmbito da Sociedade dos Comícios Agrícola, à qual se filiou em 1892, era membro da Comissão Agrícola do Distrito Federal, dedicou-se a realização dos Comícios Agrícolas nessa unidade federativa, onde os interessados se reuniam para discussões sobre os temas pertinentes aos interesses da lavoura. Esses encontros eram públicos e muito divulgados na imprensa, além de serem objetos de coberturas jornalísticas. Procuravam os organizadores chamar atenção para os problemas dos agricultores e pro-

porem soluções, tais como incentivos a comercialização, tributação simplificada, tributação territorial, incentivos à compra de insumos, muitos desses importados. Nesses comícios também se organizavam exposições de maquinários e espécimes de plantas e animais, além de se realizarem palestras técnico-científicas, por pessoas altamente gabaritadas nos meios técnicos e comerciais, para o público como um todo, o quê também dava uma conotação social ao evento. Muitos desses eventos se realizaram no seu Estabelecimento de Sementes, próximo à estação da Piedade, tendo a satisfação de receber, em 04 jan. 1897 conforme notícia de “O Paiz”, o Sr. Vice-presidente da República Dr. Manoel Victorino, que exerceu a presidência honorária do comício, e o prefeito do Distrito Federal Dr. Furquim Werneck. Pelas grandes proporções em importância que esses comícios tomaram e a figura de F. Albuquerque tomou dentro deles, “O Paiz” de 07 abr. 1897 noticia a elevação de Frederico Albuquerque, conjuntamente com os Drs. Campos da Paz e Germano Vert à condição de membros honorários dos Comícios Rurais, pelos relevantes serviços prestados à lavoura nacional, tendo a Comissão Rural de Irajá lhes outorgado os referidos diplomas.

Verificamos então que a mudança para o Rio em nada altera a situação de F. Albuquerque no panorama da agricultura brasileira, tendo agora o Beliche instalado nas duas principais capitais do país e sua reputação continuava a mesma. Para comprovarmos o quanto as opiniões de F. Albuquerque eram tidas em conta, verificamos no trabalho – Monografia sobre Tarifas Aduaneiras, na seção de Economia e Finanças da Revista da Faculdade de Direito de São Paulo (p. 137), de autoria do Dr. João Pedro da Veiga Filho, professor dessa faculdade, de 07 set. 1896 a seguinte citação:

Presentemente, escreveu o Snr. F. Albuquerque, no *Jornal do Comércio* de julho último, não há um único produto de agricultura, a não ser a farinha de mandioca e o café, que não nos venha do estrangeiro, desde o capim e o milho, para darmos aos nossos animais, até a carne, o pão e o vinho com que nos alimentamos e para maior vergonha, até o próprio açúcar começou a ser importado n’este país açucareiro, pois preferimos dedicar os nossos canaviais a produção da aguardente.

E corrobora a afirmação de Albuquerque na seguinte nota:

A “*Gazeta Comercial e Financeira*” de 18 de Julho último informa que a exportação só do Uruguai para o Brasil no último semestre foi de 261.572 fardos de carne seca, 199.759 sacos de milho, 72.534 sacos de farinha de trigo, 35.943 sacos de farelo, 15.839 cabeças de gado, 2.522 sacos de trigo em grão,

555 caixões de carnes conservadas, 442 sacos de alpiste entre outros gêneros.

Essa última informação já nos dá uma ideia da precariedade da agricultura brasileira no começo da república, realidade que é corroborada pelo Sr. Ennes de Souza, amigo de Albuquerque, que um trecho da notícia do Oitavo Comício Agrícola, na *Gazeta de Notícias* de 07 set., 1893, nos dá uma boa ideia:

Leu o Dr. Ennes de Souza um ofício do Dr. Paula Souza, ministro da agricultura, a ele dirigido como presidente dos comícios agrícolas, notificando-lhe haver pedido no Congresso Nacional os necessários recursos para a prática das exposições agrícolas, concursos regionais, e dos prêmios, sobre os quais, entretanto, ainda se não pronunciou o poder legislativo. Lê um trecho da Imprensa portuguesa, por onde se vê que o desânimo pelas coisas da agricultura n`aquele país e a falta de cuidados dos poderes públicos n`este assunto são semelhantes aos nossos.

Os trabalhos de Albuquerque continuam sendo aproveitados em coletâneas, em 1893, no Livro do Lavrador, de Manoel Dutra – livro primeiro da Encyclopédia Rural Brasileira, o autor transcreve dois trabalhos de F. Albuquerque, a quem adjetiva como notável e ilustrado horticultor, retirados da Revista de Horticultura, a qual ele se refere como excelente periódico. São eles: Cultura da Cerejeira (*Cerasus vulgaris*) p. 132 e Cultura da Tortelia (*Tortelia fragrans*), p. 216.

Em 16 de janeiro de 1897 é membro fundador da Sociedade Nacional da Agricultura, que por sugestão do Dr. Ennes de Souza lhe é oferecida a presidência, da qual declina, aceitando a primeira vice-presidência honorária, tendo no entanto, a despeito do cargo honorífico, auxiliando muito a instituição na sua consolidação, posto ser um entusiasta desse tipo de associação, para fortalecimento da lavoura, em bases estruturadas nos vários aspectos que ela envolve, daí sua enorme colaboração na elaboração dos estatutos da mesma (POLIANO, 1945, p. 27).

13 Um entusiasta da mecanização agrícola

Como entusiasta do progresso técnico, na Revista de Horticultura e também na Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, defende o processo de mecanização da agricultura, pelos seus inquestionáveis ganhos de produtividade, e que ele ajudou a difundir no país, inclusive como importador e distribuidor dos equipamentos, norte-ameri-

canos, Planet, além de divulgador de experiências práticas que comprovassem essa vantagem (HENRIQUES, 2010, p. 124-125) e é aplaudido, por esse fato, pelo Dr. Campos da Paz, em carta ao jornal *O Estado de Minas*, 31 jul., 1894:

Sr. Redator – N`O Estado de Minas de 05 do corrente, em um artigo de fundo bem lançado, v. discute com proficiência o projeto recusado pelo senado mineiro sobre aquisição de maquinismos de lavoura aperfeiçoados para serem, pelo custo, cedidos aos lavradores, e nesse artigo afirma-se que tais maquinismos não são encontrados nos nossos mercados.

Aplaudindo, sem reservas, a patriótica atitude de v. convencido como estou, de que no desenvolvimento da lavoura está a riqueza desse grande Estado, peço licença para dizer, que em minha cultura de videiras, alguns desses maquinismos já são empregados e foram adquiridos por intermédio do Sr. F. Albuquerque, do Rio de Janeiro, que possui deles grande coleção e os vende a preço módico.

O Sr. F. Albuquerque não é um negociante de instrumentos de lavoura; é um exímio agrônomo, cuja longa vida tem sido dedicada à cultura da vinha em S. Paulo e que fundou recentemente no Rio de Janeiro um estabelecimento hortícola, onde a preço módico, fornece aos agricultores todas as variedades de sementes para horta, jardim e grande lavoura e todos os maquinismos de lavoura, os mais aperfeiçoados e os mais modernos, como sejam arados, enxadas, grades, semeadores, etc.

Desses instrumentos já tenho feito uso de arados e sobre tudo da enxada Planet Junior, com a qual um trabalhador inteligente, se bem que de pouca força, faz, sem grande esforço, serviço de capina que reclamaria dez bons dos nossos trabalhadores.

O principal fim dessa comunicação é lembrar um alvitre, qual seja o de promover o governo, para o que não precisa de autorização do congresso, uma exposição desses instrumentos para o que convidaria expositores, facilitando a distribuição de catálogos mandando mesmo confeccionar um catálogo explicativo que seria distribuído pelas diversas municipalidades do Estado.

Estou certo de que o Sr. Albuquerque e outros concorreriam à exposição e não faltam no Estado de Minas profissionais habilitados a confeccionarem o catálogo explicativo e o governo os tem mesmo no funcionalismo público, segundo penso.

(...) Ouro Branco, 25 de julho de 1894.

14 Uma Tragédia Familiar

Dos dissabores que a república trouxe ao Brasil, Frederico de Albuquerque, foi contemporâneo do assassinato de seu primo e cunhado, Comandante Frederico Lorena, uma das lideranças da Armada revoltada, e mais dois sobrinhos Lorena (Delfino e Pedro) nos fuzilamentos em Deserto (SC), um dos berços dos Albuquerque/Lorena, na sanha assassina do Mal. Floriano, contra os revoltosos da Armada e da Revolução Federalista (RODRIGUES, 2011). Tendo inclusive Frederico de interpelar o presidente da república, Prudente de Moraes, por carta, sobre a confirmação de sua morte (ALBUQUERQUE, 2016, p. 115). E essa era uma angústia da sociedade, tanto que Joaquim Nabuco, no seu “O Dever dos Monarquistas”, afirma e pergunta:

Temos seis anos de república; tínhamos uma tradição de humanidade a mais bela da América: de abolição sem guerra civil, de guerra exterior sem conquista, de revoluções sem vinganças, e hoje? Onde está Lorena? Onde estão os filhos de Trajano de Carvalho? Onde está o marechal Batovi? Onde está o barão de Serro Azul, com os seus companheiros de vagão? Onde está Saldanha da Gama? (NABUCO DE ARAÚJO, 1895, p. 28-29).

Essa tragédia familiar é um dos indícios de que Lima Barreto, morador do bairro de Todos os Santos, bem próximo do bairro do Engenho Novo e da Piedade, onde se localizou respectivamente o Beliche nas suas duas fases cariocas, se inspirou em Frederico de Albuquerque e no comandante Lorena, passando pelas ligações de amizade desses com o gal. Fonseca Ramos, cunhado do filho primogênito de Albuquerque - Jorge de Albuquerque, que pelo lado florianista se notabilizou na defesa de Niterói durante a Revolta da Armada, para criar o seu personagem Policarpo Quaresma (RODRIGUES, 2015).

15 Um Personagem de Ficção

Desse despertar do seu nome para o conhecimento das gerações atuais, vemos-lo em 2012 como personagem de um livro de ficção – A Máquina de Madeira, de Miguel Sanches Neto, livro que conta a história do padre Francisco João de Azevedo que foi o inventor de uma máquina taquígráfica que foi premiada na Exposição Nacional de 1861, esse invento vem a ser um precursor da máquina de escrever, e no decorrer do livro surge a inverossímil visita de Frederico ao padre em Recife no ano de 1870, e diz-nos o padre que Albuquerque, que era o editor da Revista de Horticultura,

alguns anos antes dela começar a existir, disse a ele que seu jardim era uma selva. Mas a ficção comporta outra inverossimilhança como no final do livro o padre deixando Recife em 1880, para morrer na sua cidade natal “João Pessoa”, ou seja, quando o indivíduo que daria, no futuro, seu nome à Cidade da Paraíba tinha apenas dois anos de idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto da obra de Frederico de Albuquerque, mostra as várias facetas de um cientista e homem de ação, cujo pioneirismo e empreendedorismo é inegável, seja na introdução do eucalipto no Brasil; na sua defesa da indústria do vinho como vertente viável e relevante para o país; sua difusão da horticultura; nos seus esforços de divulgação do conhecimento agrícola, tanto no aspecto científico, quanto aspectos práticos e financeiros que envolvem a grande lavoura de exportação; na sua defesa da policultura como fonte de estabilização dos preços dos gêneros agrícolas nos centros urbanos; nos seus esforços, enquanto empresário, de difundir inovações, tanto técnicas quanto no aspecto de melhoramento das espécies e variedades mais viáveis a obtenção de produtividade satisfatória para as culturas. Abolicionista, já em 1863, alforria um escravo que lhe coube por herança. Tudo isso somado, coloca Frederico de Albuquerque entre aqueles que muito pugnaram por um Brasil melhor. O seu desaparecimento prematuro aos 58 anos, de ataque cardíaco, a 03 de novembro de 1897, foi muito pranteado, face ao respeito e admiração que seu nome inspirava pelo seu labor e dedicação ao país. *O Paiz*, 14 jan., 1898, p. 2. Traz a seguinte notícia:

Esteve solene a sessão realizada anteontem na Escola Politécnica, pela Sociedade Nacional da Agricultura, em homenagem ao seu 1º vice-presidente honorário, o agrônomo brasileiro Sr. Frederico Albuquerque, recentemente falecido.

Aberta a sessão pelo Dr. Ennes de Souza, presidente da sociedade, teve a palavra o orador oficial Dr. Domingos Sérgio de Carvalho, 2º secretário, que, depois de tocante discurso, leu o brilhante elogio histórico e biográfico do finado.

O Dr. Ennes, ao encerrar a sessão, usou ainda da palavra, declarando, em sentidas frases, que a Sociedade Nacional da Agricultura considerava como seu pupilo o filho menor do finado, atualmente em educação no colégio militar; que seria oportunamente inaugurado na sede social, como um incentivo e um ensinamento, o retrato desse venerando amigo da lavoura; e que a comissão agrícola do Distrito Federal, de que é presidente, resolvera conceder o seu prêmio

“da pequena lavoura” (medalha de ouro), da última exposição realizada no Prado do Turf Club, ao benemérito e incansável batalhador, ora extinto, devendo esse prêmio ser entregue à sua família.

Terminou o Dr. Ennes a sua alocução, declarando que a Sociedade Nacional da Agricultura dera pêsames à família de Frederico Albuquerque, pela perda desse seu extremoso chefe; porém que ela, gloriava-se por ter tido em seu seio um patriota da estatura moral e cívica desse abnegado cidadão.

As homenagens à sua memória foram muitas, seu nome batiza ruas nos municípios de Rio Grande (RS), Rio de Janeiro e Niterói (RJ) e São Paulo (SP). Quando da construção da sede da Caixa de Amortização, hoje Centro Cultural da Justiça Eleitoral (CCJE), na rua Primeiro de Março no Rio de Janeiro, a SNA, sugere o seu nome para compor a galeria de retratos de brasileiros ilustres. Sobre isso “*O Paiz*” de 14 fev., 1899, primeira página, traz a seguinte notícia:

Tendo o pintor brasileiro Antônio Parreiras, consultado a Sociedade Nacional da Agricultura Brasileira, presidida pelo Dr. Ennes de Souza, sobre a indicação de um vulto notável, que tenha prestado relevantes serviços à agricultura brasileira, a fim de fazê-lo figurar no painel a ela dedicado na decoração do Palácio da Amortização, confiada a esse emérito artista, resolveu aquela associação indicar o nome do finado Frederico Albuquerque, seu dedicado ex-1º vice-presidente honorário.

E ainda hoje, lá ele está, entre João Caetano e o Marquês do Herval, sob o seu retrato a palavra Lavoura, testemunhando o sentido de uma vida.

O Beliche seguiria em frente sob o comando de seu filho Lúcio de Albuquerque, tanto no Rio de Janeiro, transferido para o Caminho dos Pilares, 2; quanto em São Paulo transferido para a Chácara da Boavista na Penha. Perdurando até 1907, quando é vendido pelos demais sucessores do grande cientista.

Ilustração 10: Retrato de Frederico de Albuquerque existente no salão nobre do antigo Palácio da Amortização, hoje, Centro Cultural da Justiça Eleitoral-RJ



Fonte: Foto do CCJE.

17 Uma mensagem póstuma

Duas publicações póstumas, certamente encaminhadas por ele pouco antes da sua morte, ficaram como que uma última mensagem na busca de iluminar as mentes dos agricultores e das autoridades que se diziam responsáveis pela agricultura brasileira. A primeira na *Gazeta de Petrópolis* de 11 nov., 1897, na seção agrícola, em artigo intitulado “As sementes”, onde chamava a atenção para a necessidade de se produzir sementes no país, ao invés, de as importar, posto que as sementes importadas já chegavam velhas aqui, enquanto novas sementes produzem efeito muito melhores, e comunicava as suas experiências, em um estabelecimento apropriado para a produção dessas boas sementes:

Ultimamente eu fiz, no Beliche, em S. Paulo, alguns ensaios de produção de sementes, que, desde o começo, somente por serem novas e escolhidas, causaram verdadeira sen-

sação entre as pessoas que as empregaram, e que todas se davam pressa em comunicar-me, surpresas, o resultado de suas observações.

Em seguida cita o exemplo norte-americano, como uma prática, que poderia incrementar a agricultura brasileira:

No último relatório que tenho presente, o secretário da agricultura, o Sr. J. Rusk, falando dessa distribuição gratuita de sementes, diz ao Congresso da União: «Os resultados que deve produzir uma distribuição inteligente de sementes são de grande importância. Pela substituição de variedades aperfeiçoadas às que já se tem tornado de menos valia, e pela introdução de sementes de plantas novas, com cuja cultura a riqueza e a saúde da nossa população pode ser grandemente aumentada, os produtores deste país colherão forçosamente grandes benefícios.»

Nessa última passagem Albuquerque deve ter entendido que os americanos não eram prósperos por viverem numa república, como alguns por aqui se iludiam (Prado, 1961), mas por serem empreendedores e inteligentes.

O outro artigo publicado em *O Matto-Grosso*, de 08 jan., 1898, onde ele trata da Ervilha de Cheiro, que diz ser a planta com a “mais bela de todas as flores”, onde ele tece longas considerações sobre a forma de cuidar dos elementos necessários para o cultivo dessa planta, finalizando dessa forma:

É de supor que todo aquele ou toda aquela que ler estas linhas, se tornará um entusiasta da ervilha de cheiro e fará tudo o que puder para espalhar a cultura desta belíssima flor.

Tendo em mente que três coisas são necessárias para o maior sucesso:

Boa semente, boa cultura, e entusiasmo.

Deixando assim um lema para motivar o sucesso das gerações futuras.

O autor é economista e historiador.

Agradecimentos:

Ao Instituto Cultural Frederico Guilherme de Albuquerque pelas ilustrações cedidas, do seu acervo, para esse artigo.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Tomasco de. *Um Escorço Biográfico*. Niterói: Edição do Autor, 1997.
- ANDRADE, Edmundo Navarro de. *O Eucalipto*. [S.l. : s.n.], 1939.
- ARTÍNEZ Y SÁEZ, Francisco de Paula. *Diário de Don Francisco de Paula Martínez y Sáez: Miembro de la Comisión Científica del Pacífico (1862-1865)*. Madri: Editorial CSIC, 1994.
- BEDIAGA, Begonia. Revista Agrícola (1869-1891) sensibilizar o lavrador e plantar ciências agrícolas. *HISTORIA*, Belo Horizonte, v. 29, n. 49, p. 169-195, jan/abr, 2013.
- BENINCASA, Vladimir. Jardins Rurais: a europeização da paisagem cafeeira paulista. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO – DESAFIOS E PERSPECTIVAS, 3, 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte, 2014.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.
- CARAMORI, Leonardo Capelossi; LIMA, Solange Ferraz de. *A biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e seus acervos de engenharia civil e arquitetura entre 1894 e 1928*. 2019. 298 f. Tese (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03122015-142712/> >. Acesso em: 10 jul. 2019.
- CARDOSO, Rafael Said Bhering. *A monocultura do Eucalipto e suas implicações*. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/geografia/a-monocultura-eucalipto-suas-implicacoes.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2019
- DEAN, Warren. *A Botânica e a Política Imperial: Introdução e Adaptação de Plantas no Brasil Colonial e Imperial*. Disponível em: < <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/deanbotanicaimperial.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2019.
- DOURADO, Guilherme Onofre Mazza. *Belle-époque dos jardins: da França ao Brasil do século XIX e início do século XX*. 2008. 224f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2008.
- DUTRA, Manoel. *Livro do lavrador ou tratado completo de agricultura theorica e prática*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1893.
- EMBRAPA. EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Identificação Ampelográfica de Videiras Americanas e Híbridas Cultivadas na MRH. *Circular Técnica*, n. 12, ago., 1986.
- GALVÃO, B. F. Ramiz. *Catálogo da Exposição de História do Brasil da Biblioteca Nacional*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

- GENS LEOPOLDINENSIS et *Recreiencis*. Niterói: Edição do Autor, 2016.
- GLICK, Thomas F.; RUIZ, Rosaura; PUIG-SAMPER, Miguel Angel. (Orgs.). La introducción del Darwinismo en Brasil: las controversias de su recepción. In: *El darwinismo en España e Iberoamérica*. [S.l.]: Editorial CSIC Press, 1999.
- HENRIQUES, Amilson Barbosa. *A Cultura Rotineira e a Lavoura Racional: Proposições na Revista Agrícola* (São Paulo, 1895-1907). 2010. 292f. Dissertação de Mestrado. UNESP Assis-SP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93367/henriques_ab_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 out. 2019
- HETZEL, Bia; NEGREIROS, Silvia (Org.). *Glaziou e as Raízes do Paisagismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Manati, 2012.
- LOSADA, Janaina Zito; PUIG-SAMPER, Miguel Ángel; DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol. *Um Álbum para o Imperador: a Comissão Científica do Pacífico e o Brasil*. Rio de Janeiro: EDUFU, 2013.
- MACIEL, Márcia Wojtowicz. A educação ambiental como instrumento na busca de soluções para os problemas socioambientais na ilha dos Marinheiros. *Meio Ambiente em Debate*, Brasília, n.28, 1999.
- MAGALHÃES, Cristiane Maria. Patrimônio e paisagem cultural: reflexões sobre a preservação das paisagens urbanas contemporâneas. *Revista CPC*, São Paulo, n.15, p.7-26, nov. 2012; abr. 2013.
- _____. O desenho da história no traço da paisagem: patrimônio paisagístico e jardins históricos no Brasil - memória, inventário e salvaguarda. 2015. 436f. Tese (Doutorado) - UNICAMP, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281271?locale=pt_BR>. Acesso em: 25 out. 2019.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de república*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MARCHIORI, José Newton Cardoso. *Primórdios da Silvicultura no Rio Grande do Sul*. 1- Nota Sobre a Introdução do Gênero Eucalyptus L`Her. *Balduínia*, n. 44. p. 21-31, mar. 2014.
- NABUCO DE ARAÚJO, Joaquim Aurélio. *O dever dos Monarchistas*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.
- NETO, Miguel Sanches. *A Máquina de Madeira*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- OLIVER, Graciela de Souza. Cultura científica e vitivinicultura paulista, 1880 – 1920. In: *Territorios del Vino*, Montevideo, n. 4-5, p. 40-65, jun./dic., 2009.
- PEREIRA, Waldick. *A Mudança da Vila* (História Iguaçuana). Nova Iguaçu:

- SMCEL– PMNI, 1997.
- PESSOA, Ana; FASOLATO, Douglas; ANDRADE, Rubens de. (Orgs). *Jardins históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.
- POLIANO, Luiz Marques. *A Sociedade Nacional da Agricultura: Resumo Histórico*. Rio de Janeiro: Gráfica Econômica, 1945.
- PRADO, Eduardo. *A Ilusão Americana*. 3. ed. São Paulo. Brasiliense, 1961.
- QUEIROZ, Luiz Roberto de Souza; BARRICHELO, Luiz Ernesto George. *O Eucalipto - Um século no Brasil*. São Paulo: Duratex, 2007.
- REVISTA da Madeira, n. 59, set. 2001. Disponível em: <http://www.remade.com.br/br/revistadamadeira_materia.php?num=20>. Acesso em: 15 set. 2019.
- RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E DOS RECURSOS HUMANOS. DEPARTAMENTO DE ARQUIVO PÚBLICO. *Documentos da escravidão catálogo seletivo de cartas de liberdade acervo dos tabelionatos do interior do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2006.
- RODRIGUES, Luís Severiano Soares. Vida e Morte do comandante Lorena. *Revista do Clube Naval*, Rio de Janeiro, n. 358, abr./maio/jun., 2011.
- TRÊS Amigos, Lima Barreto e o seu Policarpo Quaresma e a tragédia republicana brasileira. *Gazeta Imperial*, p. 6-9. set. 2015. Disponível em: <http://www.brasilimperial.org.br/imagens/gazeta/GAZETA_Setembro2015.pdf>. Acesso em: 12 out. 2019.
- SÁ, Magali Romero; Domingues, Heloísa Maria Bertol. O Museu Nacional e o ensino das ciências naturais no Brasil do século XIX. *Revista da SBHC*, n. 15, p. 79-88, 1996.
- SAMPAIO, Alberto José de. *A Secção de Botânica no primeiro século de existência do Museu Nacional*. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/publicacoes/wp-content/arquivos/05%20Arqs%20v%2022%20p%2037-47%20A%20Sec%C3%A7%C3%A3o%20de%20Botanica.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2019.
- SILVA JÚNIOR, D. da. *Manual do viticultor brasileiro*. Rio de Janeiro: Typ. Carioca, 1888.
- SILVA, Valéria Mara da. *Educando Homens Para Educar Plantas: orquidofilia e ciência no Brasil (1937-1949)*. 2013. Tese (DOUTORADO) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

Recebido em 16/01/2020

Aprovado em 11/06/2020